

Juliane Gamboa  
renova a cena  
jazzística nacional



PÁGINA 3

Carlos Cardoso  
concorre à cadeira  
nº 27 da ABL



PÁGINA 7

Santa Teresa  
recebe o Festival  
Gastronomia Preta



PÁGINA 8

## 2º CADERNO



Reprodução Quino

*Mafalda, a  
meninha  
contestadora,  
tem suas tiras  
editadas em  
30 países e  
traduzida em  
16 idiomas*

Patrimônio universal dos quadrinhos, prestes a ganhar série na Netflix, a heroína de Quino completa 60 anos servindo de munição à luta contra a ultradireita na Argentina

# Mafalda, quem diria, chega aos

# 60

Por **Rodrigo Fonseca** | Especial para o Correio da Manhã

**E**m decorrência da negativa dada pela Argentina ao votar “Não!”, no último dia 14, contra uma resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), proposta para intensificar esforços na erradicação de violências contra as mulheres, a figura da menina Mafalda, a mais famosa personagem dos quadrinhos de nuestros hermanos, passou a circular com força total nas redes sociais e na imprensa impressa.

Suas tirinhas nunca saíram do radar da mídia, sobretudo dos veículos jornalísticos mais à esquerda, contudo, atitudes do atual presidente argentino Javier Milei amplificaram a relevância das críticas expressas pela garota a partir dos balões desenhados por Joaquín Salvador Lavado Tejón (1932-2020), ou apenas Quino.

As deliberações conservadoras (afinadas com a filosofia da ultradireita) de Milei encontram na heroína mirim de seis anos uma dissonância.

O simbolismo de oposição ao atual regime que ela carrega faz crescer a procura pelas antologias de suas historietas em meio à comemoração dos 60 anos de sua estreia nas HQs.

**Continua na página seguinte**

# Tirinhas ainda muito atuais



Divulgação

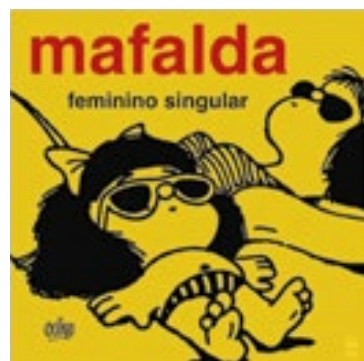
trole de suas nações, em tempos de jugo ditatorial. Em solo espanhol, ela chegou a ser publicada com uma tarja, “É um quadrinho para adultos!”, como forma de alertar mães e pais de seu teor subversivo. Sempre preocupada com a paz mundial, Mafalda se rebela com o estado de coisas de um mundo assolado pelo capitalismo. Diz num de seus cartuns mais famosos: “Vamos tomar vacina contra o ódio!”. Retruca os detratores de sua forma arredonda a dizer: “Não sou gorda, sou repleta de amor”. Seu existencialismo foi comparado ao Charlie Brown, de Charles Schulz (1922-2000), embora carregue uma atitude mais mordaz do que a postura “paz e amor” do dono do Snoopy.

Antes de brilhar no mercado de artes gráficas, Mafalda foi esboçada num reclame comercial publicitário de 1963, feito por Quino sob encomenda para uma propaganda da empresa de eletrodomésticos Mansfield, a ser publicada no diário “Clarín”. Quino recebeu a missão de criar uma personagem cujo nome deveria começar com “Ma”, para lembrar o nome da firma. Com base no filme “Dar La Cara” (1962), de José Martínez Suárez, estrelado pelo mítico cantor e cineasta Leonardo Favio (1938-2012), o cartunista bolou o perfil de sua estrela de papel. Há uma sequência desse longa na qual duas pessoas discutem ao lado do berço de um bebê chamado Mafalda.

Divulgação

**M**afalda foi lançada em 29 de setembro de 1964, no semanário “La Plana”. Ao mesmo tempo em que a venda de seus álbuns (editados no Brasil pela Martins Fontes) aquece, a Netflix prepara uma série animada com ela, desenvolvida pelo diretor Juan José Campanella, consagrado com o Oscar por “O Segredo Dos Seus Olhos” (2009).

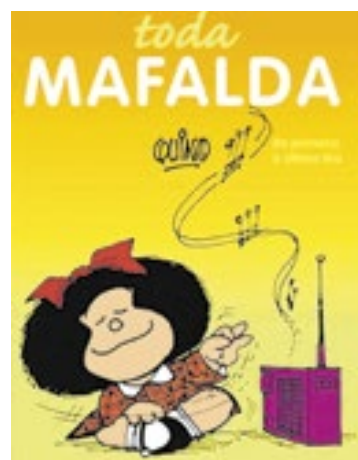
Tem Mafalda por todo lado na web. Logo que se entra no site da Martins Fontes, encontram-se compilações das tramas de Quino, como “Nesta Família Não Há Chefes”, “Feminino Singular” e o precioso “Todas as Tiras”. Já no buscador da Amazon, chega-se a um “Toda Mafalda” de capa dura. Na Europa, em solo ibérico, a Nes-



*Criador e criatura: Quino deixou de criar tiras da Mafalda em 1973, mas sua obra segue plena em contemporaneidade, inspirando compilações e coletâneas da menina mundo afora*

tlé lança uma linha de chocolate ao leite com a carinha da guria na embalagem.

Best-seller com direito a estátuas em Buenos Aires, Mafalda ganhou um longa-metragem de animação com seu nome em 1982, dirigido por Carlos D. Márquez, que hoje pode ser visto no YouTube. Logo na sequência



de abertura, ela desfila ironia: “A primavera é o que há de mais publicitário na vida”.

Reza a lenda que Quino teria publicado um total de 1.928 tiras estreladas por sua desbocada criação, que sofreu com a censura fardada de vários países sul-americanos (e na Espanha de Franco) onde generais se meteram no con-

A tal campanha publicitária acabou suspensa, mas ela acabou ganhando periódicos como “Mundo” e “Siete Días Ilustrados”, alcançando espaço nobre no miocárdio do público leitor. Até o início da década de 1970, Quino seguiu firme e forte com sua produção diária, até se estafar. “É uma escravidão”, dizia, numa lógica marxista, fechando a fonte em 1973. Só voltou a desenhá-la em campanhas humanistas, como um pôster da UNICEF, de 1976, usado para promover a Declaração Universal dos Direitos da Criança.

Hoje “Mafalda” é editada em 30 países, traduzida em 16 idiomas. Milei que se cuide.

# 'Sou uma artista transeunte'

Com influências variadas, de Jovelina Pérola Negra a Billie Holliday, Juliane Gamboa se destaca na nova cena jazzística brasileira

**N**esta quinta-feira (21) chega às plataformas de música "Jazzwoman" (Biscoito Fino), álbum de estreia da cantora e compositora Juliane Gamboa. Fortemente influenciada por grandes intérpretes e compositores do samba, da MPB e do jazz, Juliane mistura e atualiza referências, reverberando um pouco de tudo que lhe interessa num álbum que oxigena e renova a cena brasileira do jazz.

Filha de pai percussionista, samba e pagode fizeram parte da trilha sonora da primeira infância de Juliane. Com o passar dos anos, novas informações musicais iam chegando. "Quando a nossa família se tornou religiosa, passamos a ouvir muita música católica, que já tinha bastante influência jazzística. Também fui uma criança muito fã de Michael Jackson, que me levou ao soul, ao R&B, ao hip hop, e mais tarde ao jazz", pontua Juliane.

Através da sua mãe, fã de Milton Nascimento, Nana Caymmi, Elis Regina, Elza Soares, Jovelina Pérola Negra e Djavan, se aproximou da MPB na adolescência, "já tocando violão, e entendendo que a música deles era um caminho que me interessava bastante", complementa.

Juliane Gamboa compôs "Transeunte", música que abre o trabalho e que, segundo ela, elabora todo o disco. "Ela fala de um desejo enorme de experimentar um pouco de tudo, transitar, fluir com o próprio corpo, e assim criar a sua própria subjetividade de forma mais expandida". É da avó da cantora, Néa Martins, a voz que se ouve



Isabela Espindola/Divulgação

**Juliane Gamboa sobre seu álbum: 'Trabalhamos com um repertório de canções de dentro e de fora do universo do jazz, buscando trazer cores que dialogassem com a história que está sendo contada'**

Divulgação



em três vinhetas, que surgem em pequenos interlúdios para narrar o álbum.

O álbum toca na autonomia da mulher preta, no poder e criatividade, na magia que

A tradição do jazz se faz presente no álbum, mas a autoridade está nas mãos do improviso, das tecnologias e da espiritualidade. "Com arranjos de Lucas Fixel e direção musical compartilhada comigo, trabalhamos com um repertório de canções de dentro e de fora do universo do jazz, buscando trazer cores que dialogassem com a história que está sendo contada. A sonoridade traz uma atmosfera bastante espiritual e profundamente íntima, pois percebo a individualidade como algo muitas vezes negado às mulheres negras por conta dos traumas da escravidão que continuam a reverberar, mesmo após tantas gerações", reflete Juliane.

Antes de "jazzwoman", Juliane havia lançado os singles "Vambora" (2020) e "No Espelho" (2020), além de duas faixas que aqueceram a chegada do novo álbum às plataformas. Como cantora, colaborou com artistas como Zélia Duncan, Ana Costa e Preta Gil. "Eu sou uma artista 'transeunte', gosto de beber de diversas fontes. A Preta Gil, para mim, é uma verdadeira jazzwoman: uma mulher que rompeu o silêncio diversas vezes para defender as minorias. Estar ao seu lado como backing-vocal me serviu de inspiração para continuar cumprindo o meu papel, no meu próprio nicho.

No trabalho com Zélia e Ana, em "As Sete Mulheres pela Independência do Brasil", além de cantar, tive uma aula de história a partir de letras que narram e poetizam a história - muito apagada - de mulheres que foram essenciais no processo revolucionário".

Em seu álbum, Juliane Gamboa trafega com segurança por vários estilos e influências musicais, dando coesão a um repertório plural e intimamente ligado às suas convicções como mulher e artista negra. "Cantar, pra mim, é romper o silêncio pela minha dignidade, pelo meu descanso, pelo meu prazer. Eu confio no autocuidado e no autoamor como estratégias do povo preto contra o racismo. Sendo artista, estando neste ofício de criar e portar a voz, é a mensagem principal do meu trabalho".

Em 2022, a cantora e compositora integrou a residência artística Mares, no Oi Futuro. No ano seguinte, foi selecionada para o programa internacional OneBeat (EUA). Seu trabalho vem ganhando o reconhecimento de artistas como Chico César, Angela Ro Ro e Teresa Cristina, além da cantora de blues norte-americana JJ Thames, e reverberando nas redes sociais. A

artista foi selecionada para participar da residência "Stop Over 3", em Berlim, em janeiro de 2025, ao lado de grandes artistas da cena do jazz internacional, como Natalie Greffel, Tonina Saputo, Tara Sarter e Kayla Briët.

ela tem ao mover universos a partir de seu axé. A narrativa musical reflete sobre a ancestralidade em "Banzo" (Marcos Valle e Odilon Olynto), com citação de "All Africa", e "Herança", de Rômulo Fróes e Alice Coutinho; esbarra na melancolia de "20 anos blues", clássico de Vitor Martins e Sueli Costa; reafirma a sensualidade em "Eu sou mulher" (Filó Machado e Judith de Souza) e "Paracê" (Thati Dias); inspira liberdade em "Vozes-mulheres" (Conceição Evaristo) e na já citada "Transeunte"; louva o poder da imaginação radical das mulheres negras em "Sonho Juvenil" (Almir Sant'anna e Guará) e "Solitude (Reimaginada)" (Duke Ellington, Eddie DeLange, Irving Mills), homenageando Jovelina Pérola Negra e Billie Holliday, duas fortes referências para Juliane Gamboa.

O sopro de suas flautas está presente em boa parte dos discos que deram régua e compasso para músicos e formaram gerações de ouvintes apaixonados por MPB, instrumental, samba e choro e o lançamento de “Andrea Ernest Dias Quarteto” (independente) é mais um capítulo dessa história. A instrumentista faz show de lançamento deste trabalho nesta quinta-feira (21), às 19h, na Casa do Choro.

“O quarteto existe desde 2018, e começou com um convite que recebi do meu filho Miguel Dias, baixista, e Pedro Fonseca, pianista, para fazer uma participação especial no show deles, na Lapa carioca. Já gostava do som mais pop da turma do Miguel e passei a ver os rapazes como minha turma musical também”, conta Andrea - Deda para a família (de músicos!) e os amigos, que são tantos.

O repertório foi crescendo, junto com mais convites para shows. Num dia, o baterista Felipe Larrosa Moura se juntou ao trio e, no outro, o piano foi assumido por Pedro Carneiro Silva, que gravou o disco. “As escolhas foram basicamente minhas, Moacir Santos (claro), Tom Jobim, Edu Lobo, Francis Hime, Chico Buarque, Dorival Caymmi, Pixinguinha, parcerias de Santoro e Vinicius, além de músicas do Miguel”, rebobina a flautista.

Em 2021, ganharam um edital da Prefeitura do Rio, o Foca, e saíram pela cidade com o show Uma Roda para Moacir Santos. “A gente queria festejar a herança musical afro-brasileira, tendo Moacir como anfitrião”, pontua Andrea. O repertório do quarteto se expandiu, trazendo, além de Moacir, Dona Ivone Lara, Dolores Duran, Letieres Leite, Abigail Moura, Carlos Negreiros, Paulinho da Viola, Maurício Tizumba, Cláudio Camunguelo e Milton Nascimento.

Negreiros, BNegão e Áurea Martins participaram de algumas apresentações. “Negreiros faleceu em nosso show no Teatro Ipanema, após brilhar e ser consagrado, aplaudido de pé durante a sua apresentação cantando, tocando e dançando. Morreu no camarim, proseando com BNegão, que o amparou em seus braços no ataque cardíaco. Foi um momento de fortíssima emoção e surpresa para todos nós. A última frase que eu ouvi dele foi ‘quero ficar nessa banda para sempre!’. Ele estava muito feliz”.

O que ressoa no “Andrea Ernest Dias Quarteto” emergiu deste roteiro. “É muito bom tocar com eles, todos na faixa dos 30 anos e com formação e sensibilidades muito especiais. Renova perspectivas, atualiza referências e sonoridades, aprendo demais e vice-versa. E os três estão muito presentes na cena musical. Tocam com Pedro Luís, Bala



Andrea Ernst-Dias e os músicos do quarteto se apresentam nesta quinta-feira na Casa do Choro para o show de lançamento do álbum

# Sopros que tocam a alma (e o céu)

Andrea Ernest Dias e quarteto lançam álbum com obras-primas de Moacir Santos, Dona Ivone Lara, Letieres Leite e outros mestres da canção brasileira



Divulgação

Desejo, Julia Vargas, Chico Chico...”, enumera, orgulhosa.

Ela e Miguel escolheram as sete músi-

cas que foram gravadas e fizeram a direção musical juntos - ele trabalhou nos arranjos, que cresceram no estúdio - no caso, o Frigideira, de Gui Marques e Felipe Larrosa Moura. Moura também mixou e a masterização tem a arte de Lelo Nazario. Andrea fez a produção musical e a produção executiva é da Fulô Cultural, de Vera Schroeder e Renata de Oliveira.

Caco Chagas assina a capa do álbum, sobre uma fotografia do mar de Marselha feita por Andrea num passeio de barco - uma referência ao legendário “Ouro Negro” (Universal / MPB, de 2001) -, pois as flautas de Andrea Ernest Dias estão presentes (nos dois sentidos) nesse disco duplo vencedor de prêmio e inesquecível para quem assistiu ao vivo

a Orquestra Ouro Negro.

Filha da concertista e flautista francesa Odette Ernest Dias, Andrea carrega em seu DNA a paixão pela música e a busca pela excelência. A instrumentista é reconhecida por sua maestria na flauta destacando-se nas mais diversas vertentes musicais, da música erudita à canção popular.

Além do quarteto recém-criado, a artista atua em diversos grupos explorando diferentes estilos e gêneros. Foi flautista da Orquestra Sinfônica Nacional (UFF) por muitos anos, onde também ocupou cargos de liderança.

Pesquisadora e escritora, é doutora em Música e autora do livro “Moacir Santos, ou os caminhos de um músico brasileiro”, uma obra de referência sobre o importante compositor brasileiro. Além disso, criou e dirige o Festival Moacir Santos, um evento que celebra a obra do maestro pernambucano.

## SERVIÇO

**ANDREA ERNST-DIAS QUARTETO**

Casa do Choro (Rua da Carioca, 38)  
21/11, às 19h | R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

# Um vagão de sonoridade

Com sua mistura de jazz, blues, R&B e sons urbanos, o Yoùn se apresenta no Manouche

**A** nova música brasileira preta pede passagem e estará no Manouche nesta quinta-feira (21) com a dupla Yoùn, projeto desenvolvido por Shuna e Gian Pedro que une diversos ritmos do R&B, rap, jazz, soul e ritmos urbanos brasileiros.

Desde sempre, Shuna e Gian Pedro vivem da música muito antes de formarem o grupo. Ainda na infância, a dupla teve seu primeiro contato com o mundo musical nos grupos de igreja e, a partir de 2017, passaram a se apresentar na linha Japeri, entre as estações de trem de Nova Iguaçu e Central do Brasil. Aos poucos foram formando seu público, sendo divulgados com vídeos feitos pelos fãs nas redes sociais e logo receberam reconhecimento artístico. Hoje reúnem mais de 3 milhões de ouvintes nas plataformas de streaming.

Com a união das harmonias vocais e o violino de Gian Pedro, com o violão e guitarra de Shuna, o Yoùn cria ponte entre diversas sonoridades. Agora, celebram o nascimento de “BXD in jazz”, o primeiro álbum da carreira, com a sofisticação do jazz e blues em sincronia com os ritmos urbanos cariocas.

“BXD In Jazz” é um potente grito de qualidade musical e estética, com 12 faixas autorais numa celebração da jornada percorrida pela dupla até aqui, mas também à força e ao futuro da música nacional, adequando-se à modernidade e enriquecendo-a ainda mais geração após geração.

Também lançado em vinil, o disco remete ao universo particular das influências de Shuna e GP, que nos apresentam ao Brasil contemporâneo pelos olhos, instrumentos e palavras de quem sempre respirou a arte e a honrou nos próprios versos.



Divulgação

Shuna e Gian Pedro começaram a tocar na igreja e se apresentavam em vagões de trem entre a Baixada e a Central do Brasil

## SERVIÇO

### YOÛN

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)

21/11, às 21h

Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (neia solidária, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação)

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Mais uma vez, Caetano

Após o sucesso do álbum e da turnê “Xande Canta Caetano”, Xande de Pilares apresenta uma nova releitura da obra do compositor baiano. Trata-se de “Força Estranha”. “Toda vez que escuto essa música, me vejo nela. Eu escutava muito quando ainda morava no morro e eu realmente era aquele menino correndo. Assim como no disco, a gravação de “Força Estranha” também traz a produção musical de Pretinho da Serrinha e foi acompanhada de perto por Caetano.

Fernando Young/Divulgação

Celine Billard/Divulgação



### Na aceitação do luto

O cantor e compositor Roger Resende busca beleza na saudade no sensível single “Duas Léguas”. Aceitando a dor da distância, a faixa intimista antecipa o novo EP do artista mineiro. Composta em 2008 em parceria com Kadu Mauad, a faixa renasce em sentimento ao entrar em contato com o luto do artista. “‘Duas léguas’ tem uma letra que me toca profundamente e vem fazendo muito sentido para mim nessa nova etapa da minha vida após o falecimento da minha mãe em 2023. A letra fala sobre saudade”, reflete.



Divulgação



### Em modo solo

Ex-integrante dos grupos Kissamba, Apolo, Paqueta Samba e Sem Querer, Wagner do Pagode pavimentou sua carreira solo com o álbum “Samba de Raiz”. O trabalho é antecipado pelo single “Arerê”, o primeiro de uma leva de canções que vai desembocar no disco. Multi-instrumentista, compositor bom de verso, Wagner intensifica a parceria de longa data com o colega e sambista Beto Machado, que vem desde a década de 1980 quando nasceu a primeira composição de uma colaboração que hoje possui cerca de 70 sambas.



Em seqüências de ação estilizadas, o motorista vivido por Ryan Gosling em 'Drive' virou um personagem adorado pela cultura pop

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**S**emana após semana, a TV Brasil, em nova gestão, tem surpreendido sua audiência não só com o obrigatório novo “Sem Censura” (apresentado por Cissa Guimarães), mas com uma programação de filmes memorável, capaz de rivalizar com qualquer emissora ou streaming de peso, com direito – amanhã – a “Drive”. Treze anos depois de sua consagração internacional, o filme que transformou Ryan Gosling num astro, vai estar na grade da TV Educativa. A transmissão será nesta sexta, às 21h. Gosling é dublado por Márcio Araújo na versão brasileira.

Em 2011, esse thriller sobre quatro rodas rendeu ao cineasta dinamarquês Nicolas Winding Refn o prêmio de Melhor Direção no Festival de Cannes. À época de sua incursão cannoise, ninguém deu muita bola para a participação de Refn entre os concorrentes, com algo que parecia ser um filme de corrida estilizado, e só. Um filme sobre um dublê especializado em pilotagem que, à noite, dirige para assaltantes em roubos arrojados. Na hora H, Refn disse à Croisette a que veio. Antes, ele já havia atraído atenções com “Pusher” (1996), “Medo X” (2003) e “Bronson” (2008).

Já nas primeiras seqüências, sua evocação à década de 1980 impressionou, sobretudo a partir da alusão a “Atraídos Pelo Perigo” (“No Man’s Land”, 1987), de Peter Werner, que lhe serviu como “fábula

# Combustível autoral para a TV Brasil

Numa busca para renovar seu repertório cinematográfico, emissora exhibe ‘Drive’, thriller com Ryan Gosling que virou cult depois de conquistar o prêmio de Melhor Direção de Cannes

de apresentação”, termo técnico da escrita de roteiro para a introdução de personagens. Na seqüência, o Palais des Festivals deleitou-se ao ver Gosling num papel sem nome - chama-se apenas O Motorista - em modo samurai. Ele aparece sempre taciturno e focado, disposto a tudo para conseguir paz para a mulher por quem está apaixonado (Carey Mulligan). Ela tem um filho com um marginal fracassado (um Oscar Isaac em início de carreira). Num vacilo, esse bandidinho atrai a antipatia de um exótico gângster, Bernie Rose, papel que tirou a poeira há anos depositada sobre os ombros de Albert Brooks. O comediante por trás de “Relax” (1985) e “Um Visto Para o Céu” (1991) fez ali uma interpretação magistral, coroada com uma indicação ao Globo de Ouro, num papel sem riso, pautado pela vilania. Num determinado momento, o Motorista, em meio ao concerto de um carro, cheio de graxa nos dedos, tromba com Bernie pela primeira vez, que lhe estende a mão para

um cumprimento. Gosling, impávido, apenas olha e diz: “Minhas mãos estão sujas”. Brooks devolve o olhar e crava: “As minhas também”, referindo-se ao histórico de crimes em seu passado. Dali para frente, um choque de forças vai se estabelecer diante do olho da plateia.

Seu primeiro público, o de Cannes, saiu chocado com a maneira como Refn conseguiu extrair poesia de uma matéria tão desgastada quanto as histórias de acerto de contas. Refn já havia demonstrado potência em seu poderoso “Valhalla Rising” (“Guerreiro Silencioso” por aqui), de 2009, hoje na grade da Amazon Prime, com Mads Mikkelsen em estado de graça. Ali o que se via era um estudo sobre a violência, mais do que um exercício de gênero. “Drive”, não. Esse é um misto dos dois... e algo além. Acabou que o realizador saiu de Cannes laureado por um júri presidido por Robert De Niro.

Baseada em romance homônimo de James Sallis, traduzido no Brasil, essa tenso produção de US\$ 15 milhões faturou US\$ 78 milhões e ainda concorreu ao Oscar de edição de som, configurando-se como marco da ação. Refn fez ainda mais duas joias: “Só Deus Perdoa” (2013) e “Demônio de Neon” (2016), ambos lançados por Cannes.

Neste sábado, a TV Brasil exhibe a produção brasileira “Guerra de Algodão” (2018), de Marília Hughes e Cláudio Marques, às 21h. No domingo às 15h45, o canal transmite o drama esportivo “10 Segundos Para Vencer”, de José Alvarenga Jr., sobre o boxeador Éder Jofre (1936-2022).

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**S**e abraços são abrigos, o meio que Carlos Cardoso encontrou de abrigar a saudade do amigo Antonio Cicero (1945-2024) tem forma de verso. É a forma ideal para celebrar a eternidade de um poeta do quilate do autor de “Guardar”, morto no dia 23 de outubro: “Iluminar a sombra/ e torcer pelo sol/ até que venha a chuva. Sapatear pela escuridão/ com trovões e ventania,/ molhar os dedos,/ sentir o frio e o arrepiado,/ que é estar.” O poema ao lado faz parte do livro “Coragem” (ed. Record), tratado sobre a arte de resistir lançado por Carlos em 2023.

Desde o rascunho, “Ventania”, de estrofe única, foi idealizado como um louvor à amizade a Cicero, e foi dedicado a ele, que esteve no lançamento e, num depoimento, cravou: “Todo grande poeta, quando lido, transporta a gente para a terceira dimensão da vida, a dimensão transcendente da arte, e Carlos é um dos grandes”. Essa poesia corre mundo neste momento de dor para a literatura, com a perda de um autor essencial para a artesanaria da palavra. Momento que coincide com a ampliação de fronteiras nas buscas estéticas de Cardoso, que figura entre os candidatos à cadeira nº 27 da Academia Brasileira de Letras (ABL), cuja eleição será realizada no próximo dia 11.

Era Cicero quem a ocupava e é em respeito e reverência ao colega de escrita que o bardo carioca de 50 anos se lança na corrida por uma vaga à instituição fundada por Machado de Assis. Toma essa trilha numa fase de diálogo com uma outra mídia, de trajetória milenar: o teatro.

Em 2025, “Coragem” vai para os palcos. Seu miolo regado a lirismo está sendo transformado em peça pelo dramaturgo Flávio Marinho, responsável pelo fenômeno teatral de 2024, “Não Me Entrego, Não!”, com Othon Bastos, a quem Cardoso também dedicou um poema, chamado “O Paciente”.

# ‘Coragem’, Brasil!

Numa trilha de sucesso no exterior, com prêmios na Europa e edições em 12 países, Carlos Cardoso entra na disputa pela cadeira 27 da ABL, traça projeto teatral e amplia seu prestígio

Nana Moraes/Divulgação



**Em deferência ao amigo Antonio Cícero, morto em outubro, Carlos Cardoso decidiu concorrer à cadeira 27, a mesma ocupada pelo poeta e letrista**

É o mesmo nome do filmaço de Sergio Rezende que o ator baiano estreou em 2018, com base no calvário físico do político Tancre-

do Neves (1910-1985). “(...)dormimos meio mortos/ acordamos ainda tontos/ mas por dentro o sangue jorra/ no tecido necrosado

(...) o coração ainda bate/ a cabeça ainda pensa/ e uma vergonha impiedosa/ do ser humano que é vil/ sobressalta pelos poros/ do pa-

ciente: que é o Brasil!”

Em gestação, o espetáculo vai se chamar “Coragem – Uma Questão de Amor” e tem estreia prevista para o primeiro semestre de 2025. Antes disso, tem a disputa da ABL a um posto que já foi ocupado por titãs como Otávio de Faria (1908-1980) e Eduardo Portella (1932-2017). Em concurso, estão vezes autorais de alta voltagem como Edgard Telles Ribeiro, Tom Farias, Lucas Pereira da Silva, Sonia Netto Salomão e mais 10 candidatos. Um dos expoentes da geração revelada na poesia brasileira entre o fim dos anos 1990 e início dos 2000, Cardoso ingressa nesse certame amparado num prestígio além-mar. Traduzido para onze idiomas, com edições em 12 países (na Europa, na Ásia e nas Américas), ele - que também é engenheiro - conquistou o Prêmio APCA, da Associação Paulista de Críticos de Arte, pelo livro “Melancolia”.

Recebeu ainda o Prêmio da Unesco, o Prêmio da Federazione Unitaria Italiana Scrittori e a Medalha Pedro Ernesto, da Prefeitura do Rio de Janeiro. Em 2023, em Roma, ganhou o Prêmio Amicizia Italia Brasile e La Palma d’Oro di Assisi-Pax, que celebram a riqueza humanista de sua arqueologia lírica. Conquistou, também em solo italiano, o Prêmio Especial da Cidade de Ardea e o Prêmio do consórcio de Colle Romito.

Numa ponte com o audiovisual, seus poemas foram celebrizados em vídeos, com leituras feitas por artistas como Patrícia Pillar, Malu Mader, Tony Bellotto e o já citado Othon Bastos. Segundo a imortal da ABL Heloísa Teixeira, as estrofes ali eternizadas trazem uma “técnica de sobrevivência”, pois, de acordo com ela “a poesia de Carlos é vital e se expõe como recurso de vida, de respiração”. Em sua fortuna crítica, iniciada a partir da publicação de “Sol Descalço”, exalta-se o requinte de sua destreza com os verbos. As páginas de “Coragem” deixam sua potência evidente: “Posto que a vida é fria,/ traremos ao dia/ o que outrora/ noite fria traria”.



Parque Glória Maria neste fim de semana mais uma edição do Festival Gastronomia Preta



Divulgação

Festival Gastronomia Preta celebra a diversidade na cozinha

# Sabores de ancestralidade

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Realizado por Breno Cruz, professor doutor do curso de Gastronomia da UFRJ, o Festival Gastronomia Preta chega a mais uma edição neste sábado e domingo (23 e 24) no Parque Glória Maria, em Santa Teresa. O evento é fruto da percepção que o mundo da culinária negligencia o povo preto e a cultura afro-brasileira, esconde a influência da comida de diáspora e sequer considera em seus menus. “O festival é realizado para que as pessoas pretas assumam seus papéis de destaque na culinária”, destaca ele.

São diversas atividades, todas gratuitas, como a Cozinha Show Benê Ricardo, espaço que receberá chefs que vão preparar pratos ao vivo para o público, convidando-os a saborear as iguarias ao final; uma praça de alimentação para receber expositores de alimentos e bebidas que evidenciam a pluralidade da gastronomia preta brasileira; um palco, com shows de samba e a cerimônia de entrega do Prêmio Gastronomia Preta, que homenageia os grandes profissionais do setor de alimentos e bebidas no Brasil.

O Prêmio, em sua terceira edição, com entrega no dia 24 de novembro, a partir das 15h45min, foi criado para evidenciar a presença potente do povo preto no setor de Alimentos e Bebidas no Brasil. São 23 categorias as profissionais que fazem uma experiência



Lipe Borges/Divulgação

**Breno Cruz, idealizador: ‘O festival é realizado para que as pessoas pretas assumam seus papéis de destaque por meio da culinária**

gastronômica acontecer. O prêmio se torna plural também por apresentar categorias singulares como Merendeira, Pesquisadora, Fotógrafo, Com Dendê (que valoriza a influência de África por meio da Bahia), Boteco (nova categoria em 2024); Ação Social (que reforça a importância de um olhar empático em prol de uma sociedade melhor); e Futuro(a) Chef – que busca reconhecer a importância da formação profissional em cursos



profissionalizantes ou do ensino superior.

Entre os participantes de destaque do evento está o Instituto Ações Sociais Vó Tutu que distribui diariamente 2000 pães na Brás, bairro da periferia de São Paulo, além de formar profissionais na área da culinária.

“Comecei a trabalhar em casa de família aos 12 anos, mal alcançava no fogão. Naquela época. As patroas pediam pratos elaborados, chiques, e nós fazíamos. Eu com 14 anos já dominava a cozinha, mas nunca tive reconhecimento. Os elogios, poucas vezes chegavam até a cozinha, que era como se fosse a senzala dos meus bisavós, dos meus ante-

passados passaram por isso e mal sobrava pra gente”, relata Vini Figueiras, chef estrelado da Bahia. “O Prêmio de Gastronomia Preta, para nós da Bahia, representa aquelas pessoas que são vistas como cozinheiro que só sabe fazer aquelas comidas de ancestralidade, que não sabe fazer alta gastronomia. Com isso tentam nos excluir”, denuncia.

Para Kelma Zenaide do Restaurante Kitutu em Belo Horizonte, o festival é um prêmio importante para a categoria. “Sobretudo, porque ressalta a cultura do povo negro e mostra que a nossa gastronomia também tem técnica e tecnologia. É importante que as pessoas reconheçam que a culinária dos povos pretos tem muita influência em toda a cozinha do Brasil. Com a colonização, fez com que a gente não conseguisse ter visibilidade como outras áreas também da nossa cultura”.

“Para mim, a alta gastronomia está na forma de se apresentar, os seus modos de fazer, as suas técnicas. É importante que a população reconheça as diversidades, sobretudo as diversidades gastronômicas, e reconhecer que a culinária ancestral afro-brasileira também é de alta gastronomia”, acrescenta, destacando o legado culinário de seus antepassados. “Um exemplo aqui em Minas Gerais é o torresmo de latas, carne de latas, no qual eu sou especialista. Aprendi com a minha família, com meu avô, um descendente de escravos”.

Adriana Veloso chef do Pescados na Brás, reastaurante carioca especializado em comida paraense, também exalta a premiação. “Sempre a gastronomia favorece o que tem mais e não o que tem menos. Então esse festival nos coloca no mesmo patamar de muitos chefs, de pessoas brancas, porque nós pretos também temos o nosso valor. E poder trabalhar com a nossa cultura, com os nossos ancestrais, torna a nossa culinária mais afetiva, mais saborosa e feita com mais amor. Porque dentro da nossa gastronomia, nós estamos botando todo o afeto que vem do nosso passado”, defende.

“É importante é acreditar na gente e na importância de nossa história. A comida ancestral para o dia-a-dia, eu sempre trago para a questão do afeto. A minha mãe, a minha avó sempre fizeram comida com muito afeto, muito carinho, reunindo pessoas. Então, para mim, essa comida ancestral é mais ligada ao afeto”, reforça Marcos Avalon, merendeiro de creche em Campinas (SP).

## SERVIÇO

FESTIVAL GASTRONOMIA PRETA  
Parque Glória Maria (Rua Murinho Nobre, 169 - Santa Teresa) | 23 e 24/11, das 10h às 18h | Entrada franca. Sujeito a lotação